

Eixo Temático: infâncias, adolescências e famílias

As subjetividades no entre-mundos:
escuta psicanalítica de uma família migrante

Tânia Biazioli de Oliveira e Larissa Pretti Costa
Alunas da graduação do Instituto de Psicologia da USP
no período (março de 2005 a junho de 2006)
em que o projeto de Cultura e Extensão foi realizado
tania_biazioli@yahoo.com.br e larissa.pretti@gmail.com

Belinda Mandelbaum
Profa. Doutora do Instituto de Psicologia da USP,
responsável pelo Laboratório de Estudos da Família
do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho
belmande@usp.br

1. Introdução

Este trabalho é fruto de um projeto de extensão universitária que se destinou a atender famílias na Casa do Migrante, albergue que dá acolhida a migrantes recém chegados à cidade de São Paulo. Interessava-nos oferecer uma escuta a famílias migrantes, no qual o grupo familiar como um todo pudesse refletir sobre o impacto da migração na dinâmica familiar. Através de uma metodologia de base psicanalítica de atendimento familiar breve, ou seja, em cinco encontros semanais com a família tendo como foco as vivências ligadas ao processo migratório, proporcionávamos um espaço de escuta para que os membros da família pudessem refletir sobre este momento de transição. Nosso objetivo era compreender a maneira singular como cada família vivenciava esta situação. Entre as famílias atendidas, destacamos aqui uma família de refugiados colombianos.

Primeiramente, compreenderemos o migrante e a família albergada através dos referenciais teóricos que utilizamos neste trabalho. Em seguida, apresentaremos a família refugiada e, então, analisaremos os impactos do refúgio na família. Na última parte, destacaremos algumas reflexões sobre o enquadre do trabalho terapêutico familiar como forma de acolhimento a migrantes recém-chegados.

1.1 Compreendendo o migrante em seu mundo próprio

O fenômeno migratório apresenta-se para nós como um objeto complexo de estudos, que esbarra em questões que transcendem o retirante e, no entanto, o condicionam. Há aspectos da realidade social reconhecíveis por todos, que delimitam a situação do migrante. No entanto, reduzir o fenômeno migratório à realidade puramente objetiva é silenciar os aspectos subjetivos, ou seja, a maneira mais ou menos particular como cada migrante vivencia a própria migração. Nosso foco aqui será a subjetividade do migrante, visto como parte de um grupo familiar que migra. A subjetividade não se confunde com o domínio do puramente individual. Pois se arrancamos o migrante de seus mundos de pertença, perdemos de vista seu mundo próprio, compartilhado com outros homens em condições sócio-histórico-culturais específicas. A compreensão retraída ao domínio individual arrisca neutralizar também a possibilidade de mudança social. É José Moura Gonçalves Filho quem nos alerta para esta questão: “não há mudança efetiva de mentalidade, quando a mudança de mentalidade, perdendo o mundo, desenvolve-se apenas em seu próprio registro, sem implicar engajamento e perturbação material, sem implicar ação, sem fundação de novos relacionamentos” (GONÇALVES FILHO, 1998). O rosto do migrante só poderá aparecer em sua singularidade ao sofrer o impacto de habitar o mundo que lhe é próprio, modificando-o por meio de sua originalidade peculiar. Em última instância, só encontraremos o que é mais singular no homem na maneira como compartilha o mundo com os outros homens. Se reducionismos sociológicos apagam os homens do mundo, ao apresentar ao mundo um mundo sem homens, reducionismos psicológicos retiram o homem do mundo, porque retira do homem seu mundo próprio. A questão migratória, ao ser totalmente absorvida pela sociologia ou pela psicologia, sofre perdas significativas. Não se trata de optar entre os homens e o mundo, pois um não existe sem o outro. Ou seja, partimos da realidade subjetiva do homem para compreendê-lo em seu mundo próprio.

O migrante é aquele que sai de um mundo conhecido e compartilhado para um mundo desconhecido, que ele não compartilha. O drama próprio ao migrante é ser um homem com uma certa concepção de mundo, implantada em sua terra de emigração, num

mundo em que ele não se reconhece, a terra de imigração. Assim, perde os dois mundos e a si próprio, já que está no entre-mundos. Ao perder o mundo, o migrante perde a si mesmo como homem. É também José Moura Gonçalves Filho quem nos fala da vivência de ‘despencar’: “A impossibilidade de compartilhar o mundo faz ‘despencar’. Na clínica winnicottiana¹, a vertigem, a angústia de cair, é freqüentemente reconhecida como o sentimento de não existir no meio dos outros, não existir para os outros ou não consentir a própria existência” (GONÇALVES FILHO, 1998). Como se o presente fosse o sem-lugar: o homem arrancado de seu mundo e de si. Esta ausência de lugar produz uma ruptura no tempo, como se o mundo da emigração tivesse ficado no passado enquanto o mundo da imigração viesse a ser alcançado no futuro. No entanto, a bagagem cultural que o migrante traz consigo é uma lente de leitura para as novas percepções: o novo percorre o caminho do antigo. É assim que o local que foi deixado para trás está aqui e o passado está no presente. Por outro lado, a ilusão de um futuro com plena adaptação do migrante no mundo da imigração é a negação do sem-lugar no presente. Como se a experiência de ‘despencar’ fosse passar com o prolongamento da permanência do migrante no novo mundo. Abdelmalek Sayad, ao tentar compreender o que é um imigrante, revela que os imigrantes convencem a si mesmos de sua condição provisória, como que para não confessarem seu itinerário nesta situação teoricamente provisória, porém objetivamente definitiva (SAYAD, 1998). É a perpetuação indefinida desta condição provisória que não pode ser enunciada. Ou, ainda, é o sem-lugar no presente que não pode ser revelado. No entanto, isto produz a separação do tempo em dois espaços que não se cruzam: o passado ficou preso à terra de origem, enquanto o futuro é a promessa da conquista do local de destino.

1.2 A família migrante albergada

As famílias albergadas não têm nenhuma rede de parentesco ou conhecidos na cidade. O cuidado da rede tradicional, constituído em suas terras de origem, foi substituído por um atendimento institucional. Em nossa experiência, pudemos observar como esta restrição das relações sociais produz a intensificação do convívio entre os membros do

¹ O autor refere-se aqui ao psicanalista inglês Donald Winnicott, cujas idéias sobre a importância do meio ambiente humano para o desenvolvimento psíquico foram seminais para a clínica psicanalítica.

núcleo familiar. Isto faz a família sofrer. Sabemos que a família não tem como substituir a necessidade do mundo social para cada um de seus membros. Mas pensamos também que a família como grupo de pertinência pode dar suporte aos seus nesta fase difícil de transição. Belinda Mandelbaum vai além do impacto da miséria social na família, alertando para as diversas possibilidades de trato com a violência do real no próprio interior do núcleo familiar: “A família pode oferecer-se como um espaço de elaboração diante da violência do real, que impeça os seus membros de sucumbir a ela. Mas, levamos em consideração também que o espaço familiar pode ser plenamente contaminado por essa violência e repetir em seu interior, em todas as situações do cotidiano familiar, a mesma violência executada em seu exterior” (MANDELBAUM, 2004).

Para a compreensão da família, propomos o cruzamento de vários olhares que perpassam o campo social e psíquico de nosso objeto de estudo. Entendemos que a família vivencia uma dada realidade objetiva, fruto de uma história sócio-cultural, a partir da interação afetiva entre seus membros. Trata-se de uma tarefa complexa não retirar da família suas determinações sociais e, ao mesmo tempo, não perder de vista as particularidades que a constituem. Para uma compreensão mais profunda da dinâmica familiar e de suas correntes afetivas, nos referimos à psicanálise. Sylvia Leser de Mello diz: “A psicanálise chega aos sujeitos, ou seja, dá o passo seguinte que é transformar os protagonistas culturais em sujeitos únicos, psicológicos, analisando seus conflitos com a cultura e os reflexos deles que se manifestam nas transformações das relações sociais” (MELLO, 2002).

Nosso trabalho não se propôs apenas a pesquisar o impacto da migração na dinâmica familiar, mas junto com isto estruturar-se como uma oferta de escuta para as famílias. A escuta do grupo familiar deveria possibilitar a abertura de um espaço para a reflexão conjunta, entre nós e eles, das questões que emergem com a migração. Assim, pretendíamos possibilitar uma compreensão ampliada que pudesse gestar as transformações possíveis. Uma escuta psicanalítica da família em que o método freudiano pudesse servir à investigação e à intervenção no campo psicossocial.

2. A família colombiana

A família que apresentamos para ilustrar nosso trabalho é composta pela mãe e seus três filhos. Conceição tem aproximadamente 45 anos. Luna, a mais velha dos três irmãos, tem 14 anos. Jorge é o irmão do meio, com 8 anos. Cristovão tem 3 anos². Antes de emigrarem da Colômbia, a família já havia passado por mudanças sucessivas de local de moradia dentro do próprio país. O motivo das migrações foi sempre o mesmo: a fuga para garantir a vida, pois estavam sendo ameaçados de morte pela guerrilha. Por fim, a família sai sem rumo definido e acaba chegando ao Brasil.

Em São Paulo, foram acolhidos pela Casa do Migrante. A família sobrevivia na cidade por meio do auxílio fornecido pela Cáritas³. Conceição aguardava o reconhecimento do pedido de refúgio político junto ao governo federal. Os trâmites legais demorariam alguns meses, mas a entidade já prestava atendimento à família. Além do direito ao auxílio econômico de R\$ 150,00 mensais a cada um dos familiares, eles usufruíam uma série de serviços da instituição. Todos eram acompanhados por uma psicóloga em atendimento individual. A parceria da Cáritas com o SESC abria uma enorme gama de atividades de lazer. Além disso, as crianças também freqüentavam a escola.

2.1 Os encontros

No dia em que nos reunimos para convidá-los, escrevemos nossos nomes e pedimos que escrevessem os seus, para nos apresentarmos. Conceição escreve dois nomes diferentes para cada membro da família e pede que nós os chamemos pelos nomes inventados no Brasil. Ela não quer ter sua identidade e as de seus filhos reveladas. A família escapava da ameaça de morte em seu país de origem. Para refugiarem-se, trocaram os próprios nomes. A própria mudança espacial da migração já é uma perda de referenciais identitários. Mas o nome é aquilo que primeiramente marca o nosso lugar na sociedade. Mesmo quando tudo é modificado ao longo da vida, o nome permanece. Ele é um fio que liga todas as experiências constituintes da subjetividade. Para essa família que foge de ameaças de morte, o que há de mais próprio é modificado. São refugiados que deixam o nome e o local

² Os nomes foram alterados para preservar a identidade da família.

³ A Cáritas Arquidiocesana de São Paulo é o organismo da Igreja Católica encarregado pelo Governo e pela ACNUR, Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, de acolher os refugiados na cidade.

de origem. Como se as crianças que portavam os nomes antigos tivessem ficado na Colômbia. Como se os novos nomes ordenassem o preenchimento de um lugar social e psíquico por vir.

No primeiro encontro, Conceição traz a Colômbia para se despedir. Assim, narra a história do êxodo da família, motivado pela violência interna da guerrilha. A mãe decide fugir com os filhos da sombra dos mortos e desaparecidos, que assombram como uma possibilidade real para a sua família. Fala então da história da viagem para o Brasil, que começou de barco pela Amazônia. Luna desenha o barco da viagem, enquanto a mãe vai lembrando das cidades que atravessaram pelo percurso. O desenho refaz a travessia em linhas e cores, fixando a narração da mãe. O barco tem uma bandeira do Brasil no mastro e um escrito no casco: “mãe-adeus”. O “adeus” deixou para trás tudo o que faz falta aqui, fazendo lembrar de lá. Vir fugido significa não ter tempo de se despedir dos conhecidos e familiares, sem saber se haverá um reencontro no futuro. Também é deixar para trás a casa, boa parte das roupas e os brinquedos das crianças, porque não dá para viajar com muita bagagem. O que não dá para fazer é levar a casa nas costas. Cristovão desenha um avião sobrevoando uma casa, e em seguida liga linhas do avião à casa. Sua casa é levada pelo avião. Tão impressionante que perguntamos: “o avião leva a casa para onde?”. “Pra viajar!”. “E vai parar aonde?”. “Vai parar aqui (apontando no desenho), porque a casa pesa muito”. A casa de Cristovão vem junto na viagem. Ela se desgrudou do chão, foi levada pelo avião e ainda não aterrissou. A migração é o próprio movimento de mudança. E é violento porque a casa é na realidade levada de si. Esta é a violência de migrar contra a própria vontade, fugindo para garantir a vida.

A experiência desta casa de família em mudança vai aparecendo aos nossos olhos. Conceição, como mãe, conta que vai “mal”: os filhos estão brigando muito e andam desobedientes. Cristovão quer tudo igual a Jorge, quer ser como o irmão maior por inteiro. Quando não consegue o que quer, irrita-se, grita muito, é violento. No final do primeiro encontro, Jorge desenhava um avião de guerra para si e, frente às insistências do irmão, fez um igual para ele. Um avião atacava o outro. A guerra estava armada entre os irmãos, em desenho e brincadeira...

Conceição se mostra angustiada. Ela não agüenta mais, parece querer entregar os filhos. Mas se nós recebemos a carga de Conceição por meio das palavras, Luna, a filha mais velha, recebe concretamente. Porque a mãe, sobrecarregada, transfere o cuidado de Jorge e Cristóvão para ela. Com a migração, Luna passou a ocupar um outro lugar na família. Como filha e irmã, ela parece eclipsada. Ou, antes, estas posições se diluíram com o preenchimento de mais uma função. Agora é também um pouco mãe: a mãe dos irmãos menores, pois a sua mãe anda transbordando e está delegando funções. Absorver este novo cargo deixa Luna nervosa com os irmãos. O conflito que ela vivencia com a mãe é estimulado pela reorganização interna ocorrida na família com a migração.

Com a vinda ao Brasil, a família se enlaça em formas variadas de auxílio institucional para suprir as necessidades de moradia, alimentação, educação, assistência financeira, psicológica e jurídica. No albergue, os cuidados diários ficam institucionalizados, existindo horários para comer, para se recolher à noite ao dormitório, como também escalas para lavar a roupa e limpar banheiros comunitários. Os espaços e horários de brincadeira foram restringidos. Brincar na rua, para as crianças, já não é uma possibilidade concreta na cidade de São Paulo. Agora, é o SESC que oferta oportunidades de lazer.

Conceição e Luna preservam e transmitem aos menores os valores colombianos. Mas se são as únicas responsáveis por transmitir estes valores, é porque não encontraram aqui uma comunidade de destino para compartilhar esta função. A família migrante esbarra com os costumes do país de imigração, com os quais tem que se haver. Lembrando-se certa vez, por exemplo, da Parada Gay, em São Paulo, mãe e filha dizem que aquilo é libertinagem. Na Colômbia, “homem é homem e mulher é mulher: homem namora com mulher”. A Parada Gay aparece como um emblema dos problemas de transmissão da cultura dos pais para os filhos na migração. Com a chegada em um novo país, todos os membros da família se deparam com outros costumes e crenças. Como manter a cultura da Colômbia? Como os pais passam aquilo que acreditam aos seus filhos? O choque cultural faz-nos pensar que o novo mundo não é um lugar compartilhado por eles. E assim, os membros da família voltam-se uns para os outros. Por conta disto, os afetos ficam intensificados. Conceição gosta de ir ao parque e insiste no passeio em família. Contam-nos de um passeio ao parque Ibirapuera, da forma como podem estar juntos, como família. Mas

as crianças brigam muito. Jorge pede a Cristóvão para bater em Luna e Luna pede a Cristóvão para bater em Jorge. Os irmãos usam a agressividade do menor para interesses próprios. Há uma carga excessiva sobre Cristóvão, que bate em todos, em nome dos outros. E assim, o convite para o passeio em família é um desastre: um chamado para a união forçada. Não dá para estar mais junto, é insuportável. Já dormem todos num mesmo quarto. Uma família de recém-chegados anda em bloco pela cidade, com os membros grudados uns nos outros. Este efeito de ímã da família migrante é produzido pela insegurança despertada pelo ambiente desconhecido. A antiga rede de relações foi rompida. O que é seguro e certo são as relações familiares. A urgência de cada membro para tapar o buraco deixado pela perda das relações sociais inflaciona as obrigações no seio da família. Esta nova exigência emocional é difícil de ser atendida, “eles não entendem que não dá para dar mais”, diz Conceição. Esta aproximação excessiva dos membros da família, tanto física quanto emocional, é um caldeirão prestes a explodir.

Há muito a ser despejado através das palavras. Conceição suplica pela legitimação de seus ditos do mesmo modo que suplica por um quarto para sua família. Ela quer deixar a Casa do Migrante e alugar um quarto. A Casa do Migrante oferece comida e um local para dormir. No entanto, oferece um espaço apenas de transição, do qual a família não pode se apropriar. Como nos ensina Abdelmalek Sayad, a sociedade de imigração instala o imigrante na provisoriedade, negando-lhe todo direito a uma presença permanente de fato. Assim, só o reconhece na modalidade de provisório contínuo ou na modalidade da presença não reconhecida, apenas tolerada (SAYAD, 1998). Conceição pede que sua família ultrapasse essa condição de transitoriedade. Quando pede um quarto concreto, está pedindo um lugar na sociedade. Exigindo que a escutemos, demonstra o seu desejo de ter voz. E ter voz é também ter um lugar. Porém, o imigrante “não é apenas um *alógeno* mas, mais do que isso, um ‘não-nacional’ que, a este título, só pode estar excluído do campo político” (SAYAD, 1998).

Não existe a própria casa, lugar continente das subjetividades. Conceição, ao não encontrar um espaço fora, volta-se para dentro. E o interior é a própria família que, na migração, é como um corpo só. A família torna-se o único continente de seus membros, que lembram mais almas sem voz. No seio da família, Conceição transborda. Ela fala aos quatro ventos e parece não se ouvir. Talvez seja insuportável escutar o próprio discurso.

Talvez espere um reconhecimento de si e de sua condição de refugiada colombiana, a nomeação de sua experiência. Mas, mais do que isso, Conceição provavelmente grita para garantir o seu lugar. Tentando se fazer visível aos berros.

Não tendo a casa concreta, Conceição arruma uma solução. Quando chegamos para a realização do último encontro, fomos informadas de que a família havia saído da Casa do Migrante. Conceição preferiu ficar sem lugar a estar em um não-lugar.

Reencontramos a família na Cáritas, quando Conceição nos convidou para visitar o quarto que havia alugado. O quarto ficava nas redondezas da Casa do Migrante, permitindo a conservação da rede social de que a família passara a fazer parte. Ao visitá-los, em pequenos detalhes pudemos perceber a diferença subjetiva entre morar em um albergue e ter um lar. Em seu quarto, Conceição nos ofereceu pão e leite. Em seguida, mostrou-nos seu álbum de fotografias, que revelavam a história da família. Havia fotos de pessoas já falecidas e do local de moradia que fora destruído pela guerrilha. A violência da Colômbia estava posta em evidência. Mas a história familiar não parou na Colômbia, seguiu rumo junto com a viagem. A saída forçada do país de origem apareceu diante de nossos olhos. Assim, pudemos acompanhar a travessia pelos pontos turísticos de Equador e Peru até chegarem ao Brasil, pela Amazônia. Surgiram as fotos de novos amigos feitos durante o percurso e no Brasil.

Se não foi possível trazer a casa junto na viagem, como Cristóvão tanto queria, o álbum pôde ser carregado na bagagem, servindo como o fio da memória do grupo familiar, onde puderam ser pregados os momentos principais. O acolhimento de tamanhas perdas se deu por meio de um registro visual. Imagens preciosas que podem sustentar um sem número de narrativas do passado, enquanto as páginas em branco do álbum prenunciam experiências por vir.

3. Breves considerações sobre o enquadre familiar

Finalizando, gostaríamos de fazer breves considerações sobre o impacto do enquadre de nosso trabalho para os membros desta família. Luna prefere o atendimento individual da Cáritas, pois tem atritos com a mãe que não gostaria de expor em grupo. Com

isto, ela indica que o atendimento em família exige uma exposição que faz pressão. Já Conceição chega a pedir um horário só para ela, pois não quer que Luna e Jorge saibam o que ela suplica em nos contar. Assim, ambas farejam a tensão que é falar para a família. Aliás, ambas tentam romper com o enquadre familiar em nome de uma escuta individual. Podemos pensar que a família colombiana tem um referencial cultural de atendimento psicológico que é individual. E a oferta da Cáritas está mais próxima da concepção que os membros desta família construíram a respeito de um serviço psicológico do que nossa proposta de terapia familiar, ainda não apropriada por eles.

Também não podemos negar que o enquadre de nosso trabalho força a aproximação de seus membros. Sabemos que se trata de uma família migrante de recém-chegados, que está excessivamente consigo mesma. A questão é saber se este espaço serve para a família refletir sobre suas relações, podendo estar juntos de uma maneira diferente, ou se perpetua em seu formato o insuportável da união.

Referências Bibliográficas:

Gonçalves Filho, J.M. Humilhação Social – Um Problema Político em Psicologia. Revista Psicologia USP, São Paulo, v.9, n.2, p.11 a 67, 1998.

Mandelbaum, B. Focando a família Em *O desemprego em situação: esboços de estruturação de uma clínica social*. Tese de Doutorado. São Paulo, 2004. www.teses.usp.br.

Mello, S. L. Família, uma incógnita familiar In: Agostinho, M. L. e Sanchez, T. M., org. *Família: conflitos, reflexões e intervenções*. São Paulo. Casa do Psicólogo, 2002.

Sayad, A. O que é um imigrante? Em *A Imigração*. São Paulo: Edusp, 1998.